

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Encontro
com os
muçulmanos**



Lição 16

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Encontro com
os Muçulmanos**



Petrópolis 2001

Lição 16

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFM^{Cap}, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFM^{Cap}, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico

VOZES IMPRIMIU





Novos “Fioretti”	4
Como Clara enfrentou os sarracenos	
I. Introdução	5
II. Visão de conjunto	6
III. Informação	7
1. O Concílio Vaticano II	7
1.1. Estima	7
1.2. Diálogo	7
1.3. Conseqüências	8
2. Francisco e o sultão	9
3. Como Francisco mudou de idéia	11
3.1. Exercícios de piedade	11
3.2. Experiência do transcendente	13
4. 1ª conferência franciscana internacional sobre o Islã	13
5. Conseqüências práticas	20
6. Informações essenciais sobre o Islã	23
6.1. Resumo da história do Islã	23
6.2. Grupos e escolas jurídicas mais importantes do Islã	26
7. Fundamentalismo. Ameaça à Fé e ao respeito do “outro”	29
7.1. Ver	29
7.2. Julgar	31
7.3. Agir	32
IV. Exercícios	34
V. Aplicações	39
VI. Bibliografia	43
VII. Legendas das Ilustrações	47





Novos “Fioretti”

Como Clara enfrentou os sarracenos

O fantasma do medo circulava na cidade de Assis e entre as irmãs de Santa Clara. Sarracenos, soldados a serviço do Imperador, percorriam a região. De dia e de noite, as irmãs ficaram de joelhos diante do Santíssimo Sacramento. Nesta hora, Clara se recordava da noite que precedeu à morte de Jesus na Cruz e como Jesus tomou o pão em suas mãos...

Então, Clara começou a fazer pão, cestas cheias de pão. E numa certa manhã, saiu



com suas irmãs para levar estas cestas ao acampamento, onde os soldados estavam aguardando o momento oportuno para assaltar a cidade.

Antes mesmo que as sentinelas sarracenas descobrissem a presença de Clara e de suas irmãs, já perceberam o cheiro gostoso de pão fresco. E quando o comandante saiu de sua barraca para convocar o exército, ele também sentiu o cheiro do pão. Em pensamento viu sua própria mãe, como ela costumava fazer o pão.

Então, notou a presença de Clara e das outras irmãs. Estava pronto para pegar a espada, quando as freiras lhe ofereceram o pão fresquinho. Clara disse baixinho: “*Pace e bene!*” o que queria dizer: “*Paz e Bem!*” ou em outras palavras: “*Todo o bem de que você precisa para se tornar pessoa melhor.*”

Espantados, os soldados tomaram os pães e se sentaram em volta das cestas. Cheios de admiração, começaram a comer. E os pães eram tão saborosos como nenhum outro pão que conheciam. Quando todos estavam satisfeitos, resolveram levantar o acampamento e partir. A cidade estava salva.

(Livremente adaptado por Elisabeth Bernet, das atas de canonização de Santa Clara)



Introdução

I.

Relações com os muçulmanos

Quando falava das missões, Francisco pensava em primeiro lugar nos muçulmanos. Daí vem a pergunta, se hoje não faria parte das tarefas essenciais dos franciscanos trilhar novos caminhos nesta missão espinhosa. Devemos, porém, estar cientes de que relações novas, menos hostis, não dependem apenas do lado cristão, mas também dos próprios muçulmanos. Precisamente na África e em certas partes da Ásia, como também na Europa onde vive um número sempre crescente de muçulmanos, o islamismo se apresenta, muitas vezes, na sua forma fundamentalista. Não é muito viável tentar um colóquio, quando o espírito das cruzadas continua imperando e quando existe, em muitos países, como que uma íntima relação entre convicções religiosas e poder do estado. Apesar destas circunstâncias pouco favoráveis, procuraremos, no espírito de São Francisco e do Vaticano II, o diálogo com os muçulmanos. Atualmente, existem poucos países no mundo, onde não se encontram muçulmanos. É por isso que se percebe em toda parte a influência do Islã e seu crescente poder econômico e religioso. Mesmo sendo verdade que isto acontece sobretudo na Ásia, África, Europa, América do Norte e Austrália, chegou a hora para o povo na América Latina de familiarizar-se com esta realidade, pois também neste continente já existem centros e comunidades islâmicas. Seja qual for a situação, devemos seguir o exemplo e a atitude que Francisco assumiu ao encontrar-se com os muçulmanos. Pois, sua maneira de proceder é um exemplo para nós, cada vez que temos que tratar com pessoas cujo estilo de vida é diferente do nosso.





Visão de Conjunto

II.

proximação ao Islã

Qualquer tentativa de aproximação do Islã deve levar em consideração as transformações desencadeadas na Igreja e nas Ordens religiosas pelas determinações do Concílio Vaticano II e suas conseqüências na época pós-conciliar. No seu documento mais curto, a saber, a Declaração "Nostra Aetate" sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs, o Vaticano II declara formalmente que a Igreja considera os muçulmanos com grande estima e procura entrar num novo tipo de relacionamento com eles.

Pelo seu encontro com o sultão, Francisco deixou-nos um exemplo modelar de como devemos proceder para relacionar-nos com os povos islâmicos. Para o próprio Francisco de Assis, esse encontro foi tão decisivo que desencadeou nele uma transformação espiritual definitiva.

Em seguida, procurava transpor costumes e experiências fundamentais islâmicas para sua própria fé. Baseado nestes fatos, a 1ª Conferência Franciscana Internacional sobre o Islã, que aconteceu em 1982, descreve numa carta escrita no estilo de São Francisco as atitudes essenciais necessárias em qualquer encontro com muçulmanos. O melhor encontro com o Islã se dá em nível de vida cotidiana. Em conseqüência, daremos algumas orientações concretas.

Sempre de novo, temos que admitir o pouco que sabemos sobre o Islã. Portanto, seguem também algumas informações gerais sobre a história do Islã e um resumo global sobre as correntes mais marcantes, assim como as escolas jurídicas mais influentes do Islã. Finalmente, daremos algumas pistas sobre como enfrentar o fundamentalismo na sua forma mais virulenta.



Informação

III.

Concílio Vaticano II

1.

Estima

1.1.

No mais curto documento conciliar, a saber, a *“Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs”* (= *Nostra aetate*), a Igreja declara claramente e sem rodeio: *“Quanto aos muçulmanos, a Igreja os vê com carinho”* (NA 3).

Estamos apenas começando a compreender o que tal declaração pode significar para a teologia e para um novo conceito de missão, se queremos tomar a sério as religiões não-cristãs. O documento do Vaticano II não se refere apenas a uma série de aspectos positivos do Islamismo que, no pensamento e na mentalidade cristã, parecem aceitáveis. O Concílio pede também a mútua compreensão, exortando a todos para que, *“esquecidos os acontecimentos passados, sinceramente ponham em prática a mútua compreensão, interve-nham em benefício de todos os homens em ação conjunta, defendam e ampliem a justiça social, os valores morais, bem como a paz e a liberdade”* (NA 3).

Urge, portanto, descobrir e assumir uma nova atitude frente ao Islã, marcada pelo espírito de humildade e de *“minoridade”* (= *minoritas*). O exemplo de Francisco anima-nos a esforçar-nos para aprender esta atitude nova.

Diálogo

1.2.

O fato de o Vaticano II referir-se positivamente às religiões não-cristãs levou teólogos a reexaminarem suas premissas missiológicas e a procurar uma compreensão teológica que fizesse jus à vida e ao exemplo de muçulmanos convictos. Tomando a sério o diálogo, já não podemos utilizar a costumeira linguagem triunfalista, segundo a qual somente nós cristãos possuímos toda a verdade, concedendo às outras religiões, quando muito, algumas *“sementes”* dela (cf. Lição 15, 3.3).

No fundo, cristãos e muçulmanos têm em comum uma série de convicções religiosas. Lamentavelmente, porém, uma história muito sofrida e uma série de experiências negati-vas continuam separando-nos ainda no presente. Por este motivo, é tão importante que cristãos e muçulmanos procurem confraternizar, para em seguida partilhar por meio do diálogo os seus valores e convicções comuns.





Conseqüências

1.3.

Daí seguem duas conseqüências importantes: Primeiro, nas nossas relações com os muçulmanos, devemos evitar tudo, em palavras ou em atitudes, que possa expressar superioridade sobre suas pessoas, sua fé ou seu comportamento. Devemos evitar todas as comparações entre "bons" cristãos e muçulmanos "ruins", e vice-versa. Deve-se continuar a busca do bom e do positivo em ambos os lados. Há pessoas boas e honestas tanto entre muçulmanos como entre cristãos. Uma eventual conversão à outra fé deve ser entendida como obra de Deus. Depende de nós dar testemunho da nossa fé pela nossa vivência e pelo comportamento que demonstramos frente aos outros.

Em segundo lugar, temos a obrigação de repensar e reformular as verdades de nossa fé. Isto é uma exigência tanto da evolução da história de nossa fé como da situação concreta onde nos encontramos hoje. Para entender os dogmas cristãos, devemos sempre recordar as premissas históricas e sociais que motivaram a sua formulação. Mas também a situação, onde nós nos encontramos hoje, exige que nos pronunciemos sobre a nossa fé de tal maneira que possa ser compreendida pelos outros. Sempre devemos distinguir entre o conteúdo de nossa fé e o modo como falamos com outros a respeito dela. Isto vale de modo especial para os pronunciamentos sobre a SS. Trindade e a divindade de Jesus Cristo, frente à fé rigidamente monoteísta dos muçulmanos.



Para chegar a uma compreensão autenticamente franciscana da missão entre muçulmanos, é indispensável partir da experiência de Francisco com o sultão do Egito. O episódio é bem conhecido, mas existem várias versões, conforme o aspecto missionário que se procurava acentuar em Francisco. É interessante conferir os diferentes relatos dos autores que escreveram dentro da Ordem, entre outros, Tomás de Celano e Boaventura, ou fora da Ordem, como Jaques de Vitry, bispo de Acre e cardeal, ou Henrique de Avranches. O último escreveu, por volta de 1232/34, sua *“Legenda S. Francisci versificata”*, portanto uma lenda em forma de versos.

Na sua primeira biografia (1228), Tomás de Celano acentua que Francisco procurava o sultão do Egito para sofrer o martírio. O santo embarcou numa época em que a 5ª cruzada estava no seu momento culminante, tendo por objetivo a reconquista da Terra Santa. Francisco chega em Damietta e consegue encontrar o sultão, em cuja presença prega o Cristo de modo destemido. O sultão escuta-o com benevolência e sabe distingui-lo muito bem dos cruzados (cf. 1 Cel 57).

Na segunda biografia (1246/48), conta Celano como Francisco tenta dissuadir os cruzados da batalha planejada, predizendo-lhes a derrota, porque não se deixam guiar pelo espírito de Deus, mas pela própria soberba e pelo ardor bélico (cf. 2 Cel 30).

Na sua *“Legenda maior”*, Boaventura dá um relato detalhado: A guerra está em pleno andamento, e é perigoso meter-se no meio das ações bélicas. Mesmo assim, Francisco, acompanhado por Frei Iluminado, vai ao acampamento dos muçulmanos e chega finalmente à presença do sultão: *“Com tanta constância e clareza em sua mente, com tanta virtude na expressão e com tão inflamado zelo pregou ao sultão a existência de um só Deus em três pessoas e a*



de Jesus Cristo, Salvador de todos os homens, que claramente se viu realizar-se em Francisco as palavras do Evangelho: 'Porei em vossos lábios palavras tão cheias de sabedoria que a elas não poderá resistir nenhum de vossos adversários' (Lc 21, 15). Admirado o sultão ao ver o espírito de fervor do seráfico Pai, não apenas o ouvia com grande satisfação, mas até insistiu com repetidas súplicas que permanecesse algum tempo com ele" (LM IX, 8).

Francisco prometeu fazê-lo, se o sultão junto com o povo se convertesse a Cristo. Mas o sultão não se comprometeu a tanto, nem aceitou a prova do fogo (= juízo de Deus, ordália), proposta pelo Poverello. Sem sucesso visível, Francisco retornou ao acampamento dos cruzados.

Jacques de Vitry fala negativamente dos muçulmanos; chama o sultão de "besta cruel", mas não pode negar que o príncipe e sua gente ficaram fascinados pelo homem de Assis, vestido como um *sufi*. Na sua "História do Ocidente", Jacques de Vitry continua: "O sultão hospedou-o alguns dias; e ele e os súditos o ouviram com muita atenção sobre a fé em Cristo. Mas, ao fim, tendo medo de ver passar para o exército cristão alguns dos seus soldados, pois a eficácia deste homem poderia convertê-los ao Senhor, mandou reconduzi-lo ao nosso campo, com todas as honras e precauções de segurança. E disse-lhe: 'Reza por mim, para que Deus se digne revelar-me a lei e a fé que mais lhe apraz'" (Historia occidentalis, 32).

A primeira coisa que se pode concluir deste testemunho é o fato indubitável de que Francisco de Assis esteve realmente com o sultão do Egito e falou com ele. Isso foi comprovado até por uma fonte árabe (W. Roncaglia). Jacques de Vitry completa e reforça, portanto, o que Jordão de Jano, Tomás de Celano e Boaventura mencionam sucintamente, quase de passagem. Os dois últimos parecem envergonhar-se pelo fato que seu fundador não teve sucesso, desculpando-o com a observação de que Deus, em vez do martírio, lhe "reservou a prerrogativa de uma graça especial" (1 Cel 57), a saber, a estigmatização.

A segunda coisa a notar é o profundo e decidido amor de Francisco à paz. Das palavras do bispo francês se deduz com indubitável clareza que ele não tinha nem queria nenhuma escolta que o protegesse. Confiando na proteção divina, atravessou a pé a zona de batalha, chegando ileso até à presença do sultão. Considerava os inimigos muçulmanos seus irmãos, aos quais devia mostrar o caminho da salvação que só Jesus Cristo podia dar.

Visto superficialmente, o sucesso da penosa viagem missionária aos sarracenos fora pequeno, uma vez que Francisco não conseguiu alcançar a sua meta: nem o martírio



desejado, nem a conversão do sultão, nem a paz entre cristãos e muçulmanos, nem a proposta de um novo tipo de cruzada sem armas. Parece como se este fracasso confirmasse o programa missionário de Francisco, pois ele não deu importância a um resultado visível, mas ao testemunho e ao empenho de vida.

Na convivência com os muçulmanos, Francisco percebeu que não se tratava de “bestas cruéis”, como foi divulgado pela propaganda bélica na Europa. Ao contrário, eles tinham costumes nobres e, antes de mais nada, demonstraram um profundo respeito e absoluta submissão diante de Deus. Isto era, para Francisco, um sinal da presença de Deus e de sua atuação. Se os muçulmanos não se converteram à sua voz, é sinal de que o tempo ainda não chegou para eles. Para Francisco, a vontade de Deus não se manifesta através do dever incondicional de pregar o Evangelho, mas na expectativa do momento oportuno, a ser determinado pelo próprio Senhor. Devemos aceitar os muçulmanos nas suas particularidades, pois foram criados por Deus (cf. RegNB 16).

Seus discípulos terão que se contentar em adotar a mesma atitude que Francisco assumiu, colocando-se a serviço dos outros, no espírito da “*minoritas*” e da submissão (cf. 1Pd 3,15). Quando os frades menores, como mensageiros do Evangelho, se apresentavam desta forma aos muçulmanos, eram geralmente bem recebidos. Mas, quando vinham como cruzados ou pregadores contra Maomé e seus seguidores, eram executados, às vezes, por meio de cruéis torturas, como aconteceu, por exemplo, a São Daniel e seus companheiros (cf. Lição 8, cap.1).



Como Francisco mudou de idéia

3.

Exercícios de piedade

3.1.

Não se sabe quanto tempo Francisco ficou com o sultão. Mas fez ali uma experiência que o marcou profundamente pelo resto da vida. Já mencionamos este fato na Lição 7, onde se fala da introdução de um costume semelhante ao “*salât*”, a saber, o grito com que os “*muezzim*” convidavam o povo islâmico à oração.

O seguinte texto, escrito por Leonard Lehmann, é um resumo daquilo de que se trata: “O *salât* que Francisco conheceu no Oriente por ocasião da viagem missionária de 1219/20 o impressionou tanto que chegou a querer introduzir seu uso, de forma adaptada, também no Ocidente. Admoesta a todos os ministros responsáveis na Ordem que puguem



a todos sobre o sinal da oração, que há de unir 'o povo todo no mundo inteiro' no louvor e na ação de graças diante de Deus. Dirige-se também a todos os governantes das cidades-estados.

No Ocidente, onde ainda não havia o toque do 'Angelus', Francisco queria adaptar o uso islâmico do 'salât' ao Cristianismo e espalhá-lo por toda parte. Por dois caminhos procurava atingir esta meta. Os ministros e pregadores de sua Ordem deviam esclarecer o povo inteiro a respeito do sinal de oração e sua finalidade; enquanto que os responsáveis pelo âmbito secular também deviam assumir o costume islâmico, firmando-o pela legislação. A última meta, em ambos os casos, é o povo todo em toda parte. Portanto, o louvor universal a Deus é a meta comum.

Ao dirigir-se tanto aos custódios quanto aos governantes, Francisco, trabalhando simultaneamente nos dois lados, demonstrou não somente no seu pensar, mas também na sua ação pastoral a sua preferência pela unidade, totalidade e universalidade. Queria empregar todas as forças para que manifestem seu louvor e sua gratidão ao Onipotente.

Nas duas cartas precisava sublinhar com tanta insistência esta idéia de um louvor a Deus comum ao Islã e ao Cristianismo, porque os ouvidos, acostumados à pregação das cruzadas, e os corações, obcecados pelo ódio ao Islã, ainda consideravam absolutamente inadmissível um sinal ecumênico capaz de unir em oração as duas religiões hostis" (L. Lehmann).

Francisco observava também a atitude respeitosa dos muçulmanos na oração: como se prostravam no chão ou veneravam o Onipotente com profundas inclinações. Na sua última carta a toda a Ordem, Francisco convida a uma atitude semelhante, ao escrever: "Quando ouvirdes o Seu nome, adorai-o com temor e respeito, profundamente prostrados por terra... Inclinaí o ouvido de vosso coração e obedecei à voz do Filho de Deus... Pois, para isto Ele vos mandou pelo mundo inteiro, para dardes testemunho de Sua voz, por vossas palavras e vossas obras, e fazerdes saber a todos de que ninguém é todo-poderoso senão Ele" (CtOrd 4,6,9) .

Esta citação mostra que não apenas a atitude exterior (= "profundamente prostrados por terra"), mas também a expressão (= "ninguém é todo-poderoso senão Ele") recorda a "kalma" islâmica: "Não há Deus além de Alá!"



A consciência mais profunda da transcendência de Deus manifesta-se também nas orações de Francisco. É bem conhecido que Francisco venerava profundamente a humanidade de Cristo e que, para si mesmo e para os irmãos, fez de Belém e do Calvário uma experiência viva pela festa em Greccio e pelos estigmas do Alverne.

Desde que voltou de Damietta à Itália, porém, vai-se delineando uma evolução onde se acentua ainda mais a transcendência: *“Onipotente, altíssimo, santíssimo e sumo Deus, Pai santo e justo... o único e verdadeiro Deus, que é o bem pleno, o bem inteiro, o sumo e verdadeiro bem, que só Ele é bom, carinhoso e meigo, suave e doce, que só Ele é santo, justo, verdadeiro e reto...”* (RegNB 23, 1.28.29).

Também na carta aos fiéis e no louvor a Deus no Alverne, Francisco fala com palavras semelhantes da onipotência e da grandeza de Deus, vendo sempre ao mesmo tempo a sua bondade, louvando-a repetidamente (cf. 2CtFi, 61-62; 2CtFi, 10).

Outro resultado da experiência de Francisco com os muçulmanos se nota na maneira como ele se refere às sagradas palavras da Escritura (= *Corão*). Isso nos lembra o profundo respeito dos muçulmanos diante da palavra escrita: empregam muito cuidado para não desonrar a palavra de Deus. *“Iguamente os nomes e palavras escritas do Senhor deverão ser recolhidos, se encontrados em algum lugar imundo, e colocados em lugar decente”* (1CtCust 5; cf. CtCler 12; Test 12).

Segundo uma lenda posterior, o sultão queria cumular Francisco com presentes de todos os tipos. Conta-se que Francisco, finalmente, teria aceitado apenas uma corneta, que serviria para chamar o povo à oração, como faziam os *muezzim* (cf. Fior 24). Uma corneta deste tipo se guarda ainda hoje na capela de relíquias da Igreja de São Francisco, em Assis.

Finalmente, devemos realçar mais um ponto que, provavelmente, foi também influenciado pela viagem ao Oriente: Na sua Regra, Francisco desenvolve uma nova atitude fundamental. Aconselha aos seus companheiros como devem andar pelo mundo e como devem relacionar-se com homens de outros credos, a saber, dando testemunho de seu Cristianismo por uma presença singela, pacífica e uma atitude serviçal; só anunciando expressamente a palavra de Deus, *“quando o julgarem agradável ao Senhor”* (RegNB 126,6-8; cf. RegB 12,1).



Conferência Franciscana Internacional sobre o Islã

De 5 a 12 de outubro de 1982, o Secretariado das Missões da Ordem dos Frades Menores em Roma convocou, pela primeira vez, uma conferência sobre o Islã. Reunidos em Assis,





os 13 participantes, de 10 países com populações islâmicas, procuraram discutir as possibilidades de um novo tipo de relacionamento com o Islã.

A “volta às fontes” do movimento franciscano, desejada pelos organizadores, devia apoiar-se na vida e nos escritos de Francisco. Por este motivo, o documento final toma como ponto de partida de suas deliberações a experiência de Francisco no seu encontro com o sultão e a conseqüente mudança de sua opinião.

Os participantes da conferência em Assis estavam bem conscientes das dificuldades encontradas por cristãos, sobretudo em certas regiões da África. Mesmo assim, voltam a animar todos os que vivem “entre muçulmanos”, para que continuem a manter uma atitude humilde e tolerante. Também estavam cientes do fato de que, em países sob orientação cristã, é bem diferente do que nos lugares onde cristãos vivem de modo constrangido e penoso como minoria.

O resultado é um bom documento, escrito em estilo franciscano, como se fosse uma carta dirigida por Francisco a todos os franciscanos no mundo de hoje. Não é possível resumir a carta, datada de 12 de outubro de 1982; pois, deve ser lida como um todo. Na conferência ela foi aceita de modo unânime pelos participantes. A carta é dirigida aos quatro Ministros Gerais da Ordem, aos ministros provinciais, aos procuradores das missões e a todos os irmãos e irmãs em geral. Segue o texto:

Queridos irmãos e irmãs,

Paz e todos os bens!

Esta carta nós lhes escrevemos de Assis, onde nos reunimos para representar todos os Frades Menores que trabalham entre os irmãos muçulmanos.

A realização deste Congresso deve-se ao motivo do Oitavo Centenário do nascimento de São Francisco. Nós esperamos e pedimos que este encontro traga uma nova vitalidade à nossa presença e ao nosso serviço entre os irmãos muçulmanos. Vitalidade já experimentada por tantos de nossos irmãos, que seguiram o exemplo estimulante de Francisco depois da visita ao sultão, em Damietta, em 1219.

Para renovar nossa inspiração e lograr novas forças, estamos convencidos que é necessário retornar às fontes da nossa vida franciscana e escutar o que Francisco disse na Regra de 1221, ao escrever; ‘...Se, pois, houver irmãos que quiserem ir para entre os sarracenos e outros infiéis, que vão com a licença de seu ministro e servo. Se o ministro reconhecer que eles são idôneos para serem mandados, dê-lhes a licença e não a recuse; pois terá que dar contas ao Senhor (cf. Lc 16,2), se nisso ou em outras coisas agir sem a devida discrição. E os irmãos que partirem poderão proceder de duas maneiras espiritualmente com os infiéis. O primeiro modo consiste em absterem-se de rixas e disputas, submetendo-se ‘a todos os homens por causa do Senhor’ (1Pd 2,13) e confessando serem cristãos. O outro modo é anunciarem a palavra de Deus quando o julgarem agradável ao Senhor’ (RegNB 16,3-7). O texto que segue é resultado de nossas orações, de nossa reflexão e de nossa partilha. Esperamos seja bem acolhido e seja útil a um generoso serviço prestado ao Reino e à Glória de Deus.



“Inspirados por Deus”

Sensível à palavra de Deus, Francisco vê os acontecimentos de sua vida e de sua fraternidade à luz da Fé. Sua conversão, os começos da Ordem, ele os considera iniciativa de Deus, e continua sendo dEle. “Depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou...” (Test 4,14). Sob inspiração divina abandonou o mundo dos fortes e poderosos para colocar-se ao lado dos pequenos, aos quais considerava um dom especial de Deus.

A vocação da Ordem também é de inspiração divina: “Se alguém, por inspiração divina, quiser abraçar esta vida e for ter com os nossos irmãos, esses o recebam carinhosamente” (RegNB 2,1). “Quaisquer dos irmãos, que por inspiração divina, quiserem ir para entre os sarracenos ou outros infiéis...” (RegB 12,1). Hoje, como no tempo de Francisco, é Deus quem convida os trabalhadores para sua vinha e os envia a um trabalho determinado. Uma vez que a vocação franciscana missionária é um dom de Deus, os irmãos que correspondem a esta vocação o façam por amor a Deus e ao próximo.

Para responder a esta vocação, inspirem-se os irmãos na consciência que Francisco tinha da presença de Deus em todas as criaturas e em todos os acontecimentos da História. Isto os



levará a um profundo respeito por todos os povos e por todas as culturas, como dom de Deus, reconhecê-los-ão como irmãos e irmãs e celebrarão as maravilhas de Deus neles manifestadas.



“Vivendo entre eles”

Este mesmo respeito pelas pessoas e culturas fez com que Francisco se sentisse pouco à vontade com as diretivas do Quarto Concílio de Latrão, que anunciara uma Cruzada contra os muçulmanos (cf. *Summa contra gentiles*, escrita no mesmo século). Nesta atitude, Francisco não reconheceu o Espírito de Jesus, o Senhor, que veio até nós como Mensageiro da Paz e revelou a Francisco a saudação: “O Senhor te dê a paz!” Por isso, Francisco não queria ir para os muçulmanos e muito menos contra eles. Queria sim, estar entre eles com o Espírito de Jesus e levar-lhes a Paz. Este conselho que dava a todos os irmãos, em qualquer parte do mundo. Francisco dirigiu-se aos muçulmanos com tal espírito pacífico que deixou de lado cruzadas e armas. E pelo sultão foi recebido com a mesma saudação: “Assalam aleikum!” Francisco, impressionado com sua visita ao sultão, escreve na Regra de 1221: “... que os irmãos que quiserem ir entre os sarracenos evitem rixas e disputas, todo tipo de apologética, todo espírito de controvérsia, o desejo de vencer nas discussões e todo anseio de poder.” Assim, Francisco aconselhava a seus irmãos, não por causa da própria autoridade, mas no “Senhor Jesus”, que não julguem a outros, antes sejam corteses, pacíficos, modestos, mansos e humildes.

A História mostra-nos que alguns não viveram estes ideais. Por isso, nosso arrependimento hoje e nosso pedido de perdão àqueles a quem ofendemos. De outro lado, recobramos ânimo pelo exemplo dos que viveram e vivem pacificamente entre os muçulmanos.

Creemos que os irmãos que querem continuar esta tradição, adaptando-a às novas situações, não somente evitarão as disputas e elocuições, mas promoverão positivamente um clima onde possam desenvolver a compreensão e o respeito mútuo, amando-se autenticamente uns e outros, na justiça e na paz. Para isso,



fora com julgamentos antecipados e outros obstáculos que impedem a aproximação recíproca. Nessa linha, pedimos àqueles que ocupam cargos de autoridade, enviarem aos países muçulmanos somente aqueles irmãos desejosos de se encontrarem com os muçulmanos, com as mesmas atitudes de respeito de Francisco e depois de uma adequada preparação. Partilhando com os outros o que somos como gente de fé, mutuamente nos enriquecemos e recebemos estímulo para uma contínua conversão.



“Submissos a toda criatura”

A recomendação de Francisco a seus irmãos de “viverem entre eles” é consequência direta da sua opção de ser, sempre e em tudo, menor. Por isso recusou todo sinal de poder, as Cruzadas, por exemplo, que queriam conquistar os muçulmanos. Francisco queria que seus irmãos fossem submissos a eles por amor a Deus e que assim dessem testemunho de serem cristãos. Tal testemunho de vida em “minoritas” vai consoante a exortação da Evangelii Nuntiandi: ‘Em primeiro lugar, a Boa Notícia deve ser proclamada com o testemunho, a compreensão e a aceitação, a comunhão de vida e o destino com os outros, a solidariedade nos esforços de todos, em tudo o que haja de nobre e bom... Este testemunho sem palavras provoca irreprimíveis perguntas em todos os que vêem suas vidas: Por que são assim? Por que vivem deste modo? Por que estão no meio de nós? Tal testemunho constitui em si mesmo uma proclamação silenciosa, mas também muito clara e eficaz da Boa Notícia.’ A “minoritas” pede-nos hoje em dia o abandono do espírito de superioridade que faz situar nossa cultura cristã acima da cultura deles e que, realmente, não é nem franciscano, nem cristão. Cristo humilhou-se e veio para servir, não para ser servido. Em consequência, também nós devemos evitar toda posição de autoridade, preferindo cargos de serviço. A “minoritas” atinge também nossa atitude frente às verdades religiosas; abre nosso coração e nossa mente, no sentido de captar os diferentes matizes de certas doutrinas que partilhamos com eles; por exemplo, a transcendência de Deus no mundo de hoje, a reverência pela Palavra, a santidade do nome de Deus, e nos leva a reconsiderar a qualidade de nossas formulações sobre a Verdade. Deus é maior que qualquer formulação possível. A “minoritas” favorece nossa fraternidade com os muçulmanos, uma fraternidade que se evidencia pelo nosso amor a eles, por nossa participação nas suas dores e alegrias, nos acontecimentos da vida, por nossa sensibilidade por tudo que os afeta. A “minoritas” é um auxílio para escapar de nossos “ghettos”, destruindo-os, e ajuda-nos a colaborar nos projetos dos muçulmanos, ao invés de pensar unicamente nos nossos. A “minoritas” auxilia-nos a escolher um estilo de vida simples; por exemplo, no tocante à moradia, ao transporte, à comida, evitando o que possa ofendê-los. Uma opção deste teor



não implica um juízo sobre métodos ou atuações dos nossos irmãos no passado. Em todo caso, somos da opinião de que o futuro exige de nós uma atitude tal que seja proscrito todo sinal de prestígio contrário à nossa missão.

Naturalmente, percebemos que uma tal vivência num meio desse tipo exige primeiro uma vivência minorítica entre nós. Há de ser um apoio tanto para nossa comunidade cristã, como para os trabalhadores cristãos emigrados, para que sejam mais sensíveis e abertos para com os muçulmanos.



“Quando agrada ao Senhor”

Para Francisco, o testemunho de vida é o principal método de evangelização. Por isso, os irmãos não descartem o chamado à penitência, resultado do viver à maneira de Francisco. Igualmente, Francisco escreve na Regra de 1221 que os irmãos hão de proclamar explicitamente o Evangelho, sempre quando acreditam ser do agrado de Deus. Cremos que, pelos sinais dos tempos, Deus nos diz que tal “momento” propício de que fala Francisco ainda não chegou. Em muitos países, não existe a possibilidade de anunciar o Evangelho abertamente; mas o Islã está se renovando. Estes fatos nos mostram que, assim como Francisco soube esperar a hora de Deus, a nós nos toca outro tanto.

Ao mesmo tempo porém, estamos convencidos de que Deus já está agindo. O Espírito Santo precede-nos, e muitas coisas que sucedem nos superam e vão além do nosso esforço. O Plano de Deus realiza-se independente de nós. Nós o adoramos por isto. É possível que a atual renovação do Islã seja considerada como uma nova tomada de consciência da Palavra de Deus e da submissão do homem a Ele.

Este pensamento era caro ao coração de Francisco: “A Ele, pois, que tanto sofreu por nós e tanto bem nos fez e ainda fará no futuro, todas as criaturas que há no céu e sobre a terra e no mar e nos abismos rendam a Deus, louvor, glória,



honra e bênção (Ap 5,13), porque Ele é a nossa força e o nosso vigor, e que só Ele é bom, só Ele o Altíssimo, só Ele o Onipotente, Admirável, Glorioso, só Ele digno de louvor e glorificação por toda a eternidade sem fim. Amém" (2CtFi).

O testemunho de uma vida autenticamente franciscana, as atividades em favor dos pobres, pela justiça social e pelos direitos humanos, segundo a realidade concreta dos diferentes países, nossa abertura de espírito e nossa sensibilidade pelas pessoas que nos rodeiam, nossa paciente dependência da vontade de Deus... tudo isto nos dá a certeza de que hoje é realmente possível levar a cabo nossa vocação franciscana missionária.

Uma tal visão de nossa vocação franciscana missionária expressa muito bem o modo como Francisco concebia o mundo muçulmano. Obediente à ordem do Senhor, "Francisco, vai e repara a minha casa!", tratou ele, de maneira suave mas ao mesmo tempo firme, de mudar a atitude da Igreja, inclusive a própria atitude com o Islã. Desejava que entre os muçulmanos a Igreja fosse pobre e servidora, sem poder, identificando-se com os marginalizados.

Para ninguém é fácil esta maneira de viver. Mas, se recordarmos a experiência de Francisco sobre a perfeita alegria, somos conduzidos até a "kénosis", que caracteriza seus autênticos discípulos. Sob a ação do Espírito Santo, esta experiência dará seus frutos, pois abrirá nossos olhos aos valores positivos do Islã.

De fato, em nossos numerosos debates, descobrimos que o diálogo é simplesmente isto, porque exige que estejamos prontos para ir ao encontro do outro, aceitando-o como é. Não se trata, portanto, de ver qual a religião que tem a verdade ou até que ponto a possui. Trata-se, antes, de abrir-nos à verdade do outro. Desse modo, cristãos e muçulmanos, esperamos descobrir nossos interesses comuns, nossos problemas comuns, aprendemos a apreciar o fato de termos valores humanos comuns, necessidades humanas comuns; podemos tentar soluções comuns, conscientes sempre de que não somos nós que possuímos a verdade, senão que a verdade é que nos possui.

Junto a esta carta, segue uma cópia das propostas aprovadas para dar continuidade a este "Congresso sobre o Islã". Gostaríamos de receber comentários ou reações sobre esta ou sobre as propostas. Podem enviá-los ao Secretariado Geral das Missões em Roma.

Não queríamos terminar esta carta, sem expressar nossa profunda simpatia por todos aqueles que perderam a vida ou a propriedade pelas devastações, que causaram tantos sofrimentos a tantos cristãos e muçulmanos, especialmente no Oriente Médio. Esperamos e pedimos que esta expressão de solidariedade chegue a todos que se interessam pela Paz e que se opõem a toda sorte de violência na sociedade.

Queremos informar também que damos inteira adesão à carta dos quatro Ministros Gerais sobre a Paz no Mundo e contra as armas nucleares, publicada por ocasião do encerramento do Oitavo Centenário do Nascimento de São Francisco. Igualmente queremos apoiar a declaração contra todo armamento, feita pelos membros de todas as Famílias Franciscanas do Terceiro Mundo, reunidos em Mattli, Suíça, em setembro de 1982.



Queridos irmãos e irmãs, permaneçamos unidos entre nós e com nossos irmãos muçulmanos, por meio da oração humilde e sincera.

Que a Paz esteja com todos!

Em nome dos participantes

ass.) Fr. Mel Brady, OFM

Presidente do Congresso

Secretário Geral das Missões



Desde alguns anos, centros científicos em países islâmicos tentam chegar a um melhor entendimento com outras religiões por meio de estudos e contribuições feitas com seriedade. Isto não impede, porém, que membros da família franciscana, por sua vez, procurem encontrar-se com muçulmanos também na vida cotidiana, para fomentar a mútua aproximação e aprender com eles. Indicamos algumas pistas:

• **Vida num país islâmico**

Causa estranheza observar como irmãos, e até comunidades cristãs inteiras, tendem a isolar-se do contexto islâmico onde vivem. Pode acontecer que certos problemas éticos ou políticos obriguem a esta atitude. Pelo contrário, deixa impressão positiva constatar como são amigáveis as relações entre cristãos e muçulmanos que se encontram no dia-a-dia. Com o tempo, boas relações entre vizinhos fazem desaparecer qualquer desconfiança.

• **Celebrar festas islâmicas**

Todo mundo gosta de celebrar festas; e não é difícil participar nas festividades mais importantes do Islã. Seria bom aprofundar esta experiência, informando-se melhor sobre o sentido da festa em questão, rezando nas suas intenções, participando até nas práticas de jejum que a acompanham ou nas celebrações comunitárias de noite. Porque não trocar cartões de parabéns, presentear-se mutuamente ou dar doces às crianças? Tudo isso fortifica a amizade.

- **Participar nos acontecimentos que marcam a vida humana,**

como nascimentos, casamentos e falecimentos. Sempre se oferecem oportunidades para uma maior aproximação. Ninguém esquece com facilidade as pessoas que deram apoio durante as horas de maior tristeza ou alegria.



- **Colaborar em projetos comuns,**

por exemplo, no empenho por maior segurança social, programas de saúde e educação, cuidados por deficientes físicos, dependentes de drogas ou aidéticos, ou para promover programas esportivos e ecológicos, como também eventos em prol de justiça e paz. Interesses partilhados criam um espírito de solidariedade que ultrapassa barreiras religiosas.

- **Oração em comum**

Pode-se rezar em comum, por exemplo, pela saúde e felicidade das pessoas, pela benção divina para as crianças e as famílias. Uma comunidade que reza nunca se torna uma ameaça, sobretudo quando se trata de oração feita em pequenos grupos, em vez de celebrações públicas.

- **Leitura partilhada de jornais**

Esse tipo de partilha é importante para entender como o povo em países islâmicos reage normalmente a problemas que surgem no dia-a-dia, como se engaja por novas leis no contexto atual, ou como procede para adaptar-se às exigências do mundo moderno. Pois tudo isto exige intuição e mútua compreensão.

- **Tomar parte em mushairas (= recitais de poesia), eventos musicais, círculos literários e outros programas culturais**

Nestas ocasiões, é notável como se consegue diminuir o perigo das discriminações. Facilmente descobrem-se afinidades culturais que unem as pessoas, além de qualquer pertença religiosa.



- ***Evitar tudo, em palavras e ações, que possa violar as normas éticas do muçulmano médio***

Seja na comida e bebida, na roupa ou no modo de falar, mas principalmente nos gestos exteriores de piedade. Por todo nosso comportamento podemos testemunhar a nossa fé na onipotência e grandeza de Deus, nosso respeito diante da Revelação e da profecia, nosso amor aos pobres e necessitados, nosso empenho pelo bem-estar de viúvas e órfãos.



- ***Animar os jovens para que passem seu estágio pastoral entre irmãos que vivem em países islâmicos***

Mesmo se mais tarde não chegarem a viver em países islâmicos, terão, pelo menos uma vez, a oportunidade de alargar o seu horizonte e de receber estímulos para suas futuras tarefas.

- ***Disponibilidade para servir e acudir***

Pode tratar-se de ocasiões que surgem na comunidade islâmica; seja que famílias inteiras passam necessidade, seja que crianças precisam de atendimento. Através de nossa disponibilidade, podemos mostrar até que ponto levamos a sério a nossa fé.

- ***A nível intelectual, existem ainda outras possibilidade de uma maior aproximação***

- pelo intercâmbio de pesquisas no âmbito linguístico, ou sobre temas como islamismo, misticismo, literatura sufi, colóquios religiosos;
- enfrentando em comum os abusos do materialismo, da sociedade de consumo e da destruição do meio ambiente;
- pelo interesse comum em movimentos que lutam por mais justiça e paz;
- através de discussões sobre sistemas econômicos, teorias políticas, problemas morais ou éticos próprios do tempo moderno.

Todas essas oportunidades possibilitam uma mútua aproximação, pressupondo, porém, a atitude de “*minoritas*” que, com respeito, vai ao encontro daqueles que não partilham a nossa fé. Em qualquer caso, o diálogo pressupõe a confiança inabalável no valor do espírito humano, capaz de superar todos os obstáculos.



Informações essenciais sobre o Islã

6.

Breve resumo da história do Islã

6.1.



O termo “*Islã*” significa “*entrega total*”, ou seja: entrega a Alá, o único Deus, no sentido rigorosamente monoteísta. Exprime, ao mesmo tempo, uma confiança firmemente apoiada na fé, assim como o reconhecimento da obrigação humana de prestar homenagem ao Senhor. Maomé, pessoalmente, deu o nome à sua fundação quando anunciava: “*Vede, a religião junto de Alá é o Islã.*”

Maomé, que trouxe ao seu povo a nova mensagem do Islã, viveu de 570 a 632 d.C. Era natural de Meca, onde passou uma juventude muito sofrida, marcada pela morte prematura de seus pais. Só atingiu uma vida exteriormente livre de preocupações, quando entrou a serviço de Chadidsha, rica viúva de um comerciante, com a qual se casou quando tinha 25 anos e ela 40.

Com fidelidade inabalável, Chadidsha ficou ligada a ele nos tempos de extrema provação. Maomé viveu com ela em monogamia até sua morte, quando ele mesmo tinha uns 50 anos. Só depois da morte de Chadidscha entrou em ligações poligâmicas. Mais tarde, sua mulher



predileta era Aischa, filha de Abu Bakr, eleito primeiro *califa* depois da morte de Maomé. Através de sonhos e visões, Maomé foi prevenido de futuros acontecimentos religiosos. Na solidão do Monte Hira, para onde desde então se retirava anualmente durante um mês, Maomé recebeu no seu 40º ano de vida a primeira revelação pelo Arcanjo Gabriel. Mais tarde, seguiram-se muitas outras revelações.

Essas revelações foram recolhidas no *Corão*, o livro sagrado, em que se baseiam a religião e a jurisdição do mundo islâmico.

A transmissão do *Corão* aconteceu em circunstâncias extremamente favoráveis. Já o primeiro sucessor de Maomé na direção da comunidade muçulmana, o califa Abu Bakr (632-634 d.C.), ordenara a coleção de todas as palavras reveladas ao profeta, das quais se tinha conhecimento. O terceiro califa, Othman (644-656) mandou formar uma comissão de redação que aprontou, apenas 20 anos depois da morte de Maomé, o texto codificado e definitivo, cuja integridade é garantida até hoje.

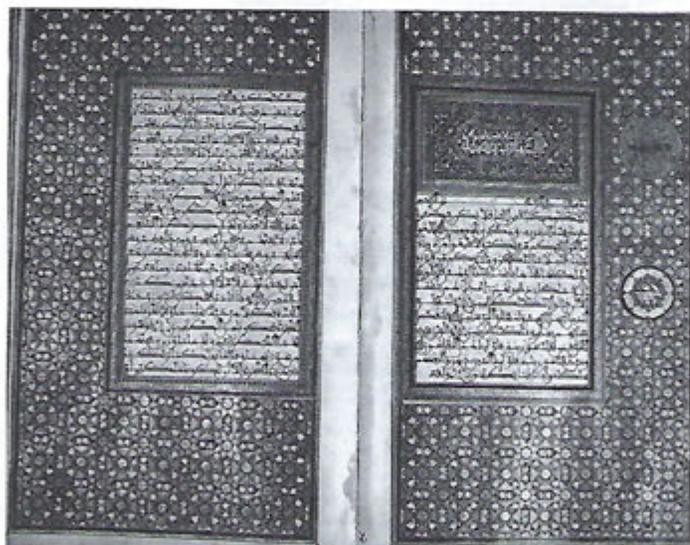
O *Corão* se divide em 114 artigos, chamados de "*suras*". São ordenadas segundo o princípio esquemático de um comprimento decrescente. Só a curta "*sura* de abertura", de 7 versículos (= *fatiha*), recebeu o primeiro lugar no *Corão*.

A mensagem de Maomé, fixada por escrito no *Corão*, é determinada por dois temas centrais: Em primeiro lugar, opõe ao politeísmo da antiga Arábia uma fé rigorosamente monoteísta em *Alá* como único Deus. Esta verdade encontrou sua formulação resumida numa confissão de fé expressa na 112ª *sura* do *Corão*: "*Deus é um. Ele é o eterno. Ele não foi gerado. Igual a ele não há ninguém.*"

O segundo tema central de Maomé era a preparação da humanidade para o dia do juízo escatológico do mundo. Isto se sobressai pela importância atribuída por Maomé aos acontecimentos finais. Pois as idéias sobre o céu e o inferno são amplamente desenvolvidas no

Corão, onde a vida do além, nas regiões celestes, é apresentada em analogia a situações ideais na terra.

Também os "*cinco pilares do Islã*", obrigatórios para cada muçulmano, se baseiam na mensagem de Maomé. Abrangem a profissão de fé, a oração obrigatória, recitada cinco vezes ao dia, o imposto destinado aos pobres, o jejum no mês de *Ramadã* e a



peregrinação a Meca que cada muçulmano deve empreender ao menos uma vez na vida, caso tiver condições físicas e econômicas.

Algumas outras determinações completam os “cinco pilares”. O fiel pode ser chamado e obrigado a participar numa “guerra santa” (= *dschihad*). O uso de vinho é proibido, assim como os jogos aleatórios. Carne de porco é considerada impura. A legislação matrimonial concede ao homem a posse simultânea de quatro mulheres e a livre disposição sobre suas escravas. Essa prática fica limitada, porque supõe ricas possessões.

A princípio, a mensagem de Maomé atingia apenas um pequeno círculo de fiéis. Na sua cidade paterna, os poderosos o enfrentaram com hostilidade. Esta situação melhorou com a “*hégira*” (= emigração ou fuga) do ano 622 d.C., data com a qual os muçulmanos começam a contagem de sua era. Pois, habitantes de Jathrib, ao norte de Meca, convidaram o profeta e seus seguidores para que se mudassem para esta cidade que em breve receberia o nome de “*cidade do profeta*”, em árabe: “*medinat an-nabi*”, abreviado para Medina.

Em Medina, Maomé tornou-se o coordenador de uma região maior, submissa ao Islã. Como tarefa mais urgente, empreendeu a reconquista de sua cidade natal, cujo santuário pré-islâmico, a “*Ka’ba*”, ele declarou o centro principal da *hégira*, a saber, da peregrinação islâmica.

Após uma ausência de oito anos e repetidas escaramuças com habitantes de Meca, Maomé conseguiu a entrada triunfal e pacífica na sua cidade natal. Durante os últimos dois anos de vida, dedicou-se sobretudo à organização da peregrinação. Maomé faleceu em 8 de junho de 632.

A expansão do Islã começou imediatamente após a morte do profeta. Numa rápida guerra triunfal, exércitos islâmicos conquistaram as costas do Mediterrâneo no norte da África, transpuseram o estreito de Gibraltar e destruíram o reino visigodo na Espanha, no ano de 711. Apenas em 732, ou seja 100 anos após a morte de Maomé, Carlos Martelo conseguiu enfrentar os muçulmanos nos campos entre Tours e Poitiers, detendo o seu avanço na Europa. Durante a época de ascensão do Islã, os dois grandes adversários no Oriente, a saber: Roma Oriental (= Bizâncio) e Pérsia, se tinham quase extenuados mutuamente em longas lutas. Em conseqüência, foi possível aos muçulmanos avançar simultaneamente no Ocidente e no Oriente. Em 642, conseguiram conquistar o império persa dos Sassânidas.

Na Índia, o Islã atingiu um apogeu no século XVI, durante o reinado do grão-mogul. Na Indonésia, chegou por intermédio de comerciantes hindus.

No sentido dogmático, o Islã não representa uma grandeza fechada em si. A maioria dos muçulmanos continua professando a tradição e doutrina ortodoxa, mantendo-se fiel a “*sunna*” (= costumes). Já cedo, os seguidores de Ali, o quarto califa e genro de Maomé, se separaram destes “*sunitas*”, formando o “*shiat Ali*” (= partido de Ali). Esses últimos, chamados “*shiitas*”, numerosos sobretudo na Pérsia (= Irã), embora divididos entre si em muitos grupos, reconhecem unanimemente Ali como sucessor legítimo de Maomé. Segundo a doutrina da “*shia*”, pouco antes de sua morte, Maomé confiou a Ali os últimos segredos do Islã, e Ali transmitiu esta ciência esotérica como herança a seus familiares. Por isso, seus descendentes são considerados “*imãm*”, ou seja, líderes espirituais e portadores de um saber secreto.

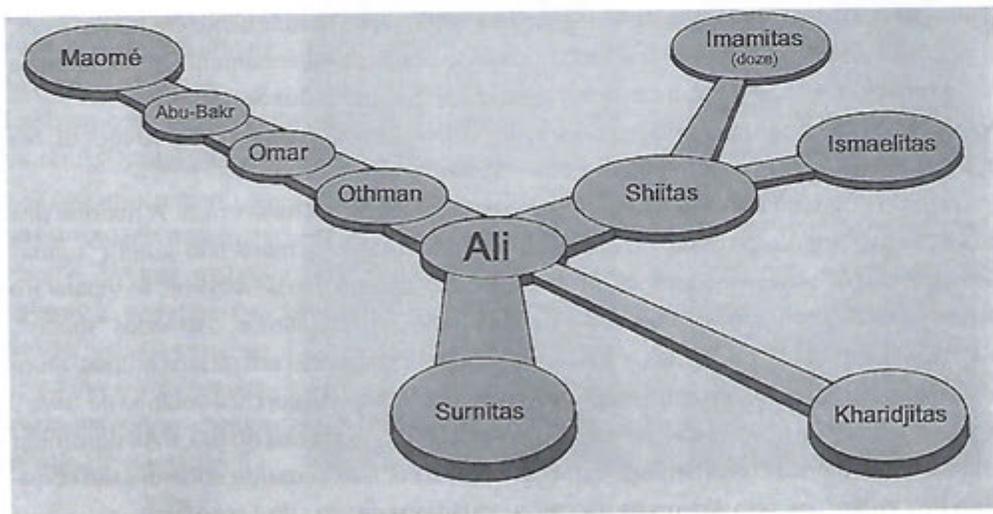


Além de fomentar um relacionamento normal com muçulmanos na vida cotidiana, devemos também tomar conhecimento das correntes e escolas jurídicas mais significativas do Islã, comparáveis às várias confissões cristãs.

Logo após a morte de Maomé, houve um cisma na "umma" (= comunidade islâmica) sobre a questão do legítimo sucessor do profeta. Nesta separação está a raiz do surgimento de vários grupos que substancialmente continuam a existir ainda hoje dentro da comunidade islâmica. A causa do cisma eram as diferentes opiniões sobre as qualidades e a proveniência dos líderes da comunidade, chamados na "sunna" de "califa" e na "shia" de "imã".

Após a morte de Othman, era Ali, genro e primo de Maomé, quem foi eleito para ser o quarto califa. Entretanto, começou uma disputa com Muawija, governador da Síria e membro da família dos Omaijades, a qual também pertencia Othman. Os partidários de Ali (= *shiat Ali*) apoiaram este último na sua reivindicação ao califado. Após um conflito armado, Muawija propôs um tribunal arbitral, ao que Ali consentiu. Os "kharidjitas" (= os que partem), que inicialmente apoiaram Ali, separaram-se dele, porque ele consentiu submeter a um tribunal humano o direito que Deus lhe havia conferido. Ali reagiu de modo violento à revolta dos *kharidjitas* e acabou sendo assassinado por eles em 661.

Em seguida, a maioria dos muçulmanos árabes reconheceu Muawija e seus sucessores, os *califas* da família dos Omaijades, como chefes políticos. Os seguidores da "shia", porém, continuaram na oposição, aclamando sucessivamente os dois filhos de Ali, Hasan e depois da morte dele, Husain, como os únicos líderes legítimos da comunidade islâmica.



Duzentos anos depois destes acontecimentos, a partir de disputas contra a teologia especulativa dos *“mutazila”* e a oposição *shiita*, surgiu uma corrente de consciência coletiva, aceita como ortodoxia islâmica, que aos poucos recebeu o nome de *“gente da sunna e da comunidade”*.

Esta designação é derivada da palavra *“sunna”*, ou seja, o comportamento exemplar do profeta que, junto com o *Corão*, constitui o fundamento da fé islâmica, segundo a convicção dos fiéis.

Esta corrente reconhece em Ali Bakr, Omar, Othman e Ali os primeiros quatro califas autênticos. Hoje em dia, a grande maioria dos muçulmanos pertence a este grupo, chamado *“sunita”*, com 800 milhões de adeptos.

Para decidir questões jurídicas (= *idjtihad*) formaram-se escolas, das quais as quatro mais importantes são reconhecidas ainda hoje pelos *sunitas*.

••• **A Escola jurídica shafiita**

Seu fundador, Shafii (+ em 820), um dos maiores teóricos do direito islâmico, reconheceu quatro fontes ou raízes do direito: o *Corão*, a *sunna* do profeta, o consenso dos eruditos (= *idjma*) e a dedução analógica (= *qiyas*). Tratando-se de questões jurídicas, tentou eliminar qualquer decisão pessoal para favorecer, de preferência, somente esses quatro critérios. A Escola shafiita propagou-se sobretudo na África oriental, na Ásia meridional e na Arábia meridional, mas também no Líbano.

••• **A Escola jurídica hanifita**

Abu Hanifa (+ 767) é chamado seu fundador. Ao lado do *Corão*, da *sunna*, do consenso e da dedução analógica, os hanifitas aceitam mais dois outros critérios para chegar a formular suas sentenças jurídicas, a saber, a opinião pessoal e a conveniência para a sociedade. Desde modo, foi atribuída importância decisiva, não apenas à fé e à tradição, mas também ao bom senso. Atualmente, a Escola hanifita é a mais numerosa, sobretudo na Turquia, na Ásia Central, no Paquistão e na Índia.

••• **A Escola jurídica maliquita**

Esta Escola surgiu da Escola de Medina. Seu fundador foi Malik ibn Anas (+ 796). A Escola difundiu-se na África setentrional, ocidental e central. Além das quatro raízes do direito jurídico, reconhece como válido o interesse público e apóia-se na tradição e nos costumes jurídicos de Medina.

••• **A Escola jurídica hanbalita**

O fundador desta Escola muito tradicionalista foi Ibn Hanbal (+ 855). Recusa aceitar decisões a base de deduções analógicas. Ela se propagou sobretudo na Arábia Saudita, na Síria e na Palestina.



• OS KHARIDJITAS

Este grupo continua tendo ramos chamados *Ibaditas* em Omã, em algumas cidades da Argélia e na ilha Djerba (= Tunísia). Separou-se em 657 da *shia* (= partido de Ali), mas também dos seguidores de Muawija. Exige que o muçulmano mais virtuoso e mais piedoso da comunidade assuma a liderança, independente de sua procedência. Atualmente, esta corrente tem cerca de 1,5 milhão de adeptos.



• OS SHIITAS

Os *shiitas* representam aproximadamente 10 a 15% da população islâmica mundial. A *shia*, que encontrou seu primeiro centro na região de Kufa, reconhece Ali como

único sucessor legítimo de Maomé. Em seguida, aceita apenas descendentes das famílias do profeta ou de Ali como chefes autênticos (= *imām*). Mas, como existem diversas opiniões sobre quais entre estes descendentes de Maomé e Ali têm o direito de assumir o supremo poder, surgiram diversas correntes:

*** Os *Imamitas*

Este grupo *shiita*, com mais ou menos 100 milhões de adeptos, é o maior. Também é chamado a "*shia dos doze*", porque, segundo a sua convicção, o 12º *imām* foi levado a um lugar secreto, onde continua vivendo para retornar um dia como "*mahdi*" (= condutor de direito). Durante a sua ausência, teólogos qualificados têm a obrigação de assumir a liderança da comunidade, como atualmente acontece na República do Irã. Esta versão da *shia* é representada sobretudo no Irã e no sul do Iraque, no Afeganistão, no Líbano e em alguns países de menor importância.

*** Os *Ismaelitas*

Eles reconhecem Ismael, morto em 760 (ou seja: antes do seu pai, o 6º *Imām*), como o legítimo 7º *Imām*. Um outro grupo de *Ismaelitas* acredita que o ministério, que Ismael não chegou a exercer, passou ao seu filho Muhammad. Segundo a tradição, também esse 7º *Imām* foi levado a um lugar secreto e retornará à terra como *mahdi*. A partir dele continuou a linha dos *Imām*.

Há ainda sete grupos menores de Ismaelitas (= shia dos Sete), entre eles os *Nizaritas*, hoje representados por cerca de 25 milhões de adeptos no Iêmen, Irã, Índia, Síria e África. Sublinham a importância da iluminação interior dos seus líderes espirituais. Seu atual chefe é o Aga Khan.

Também os drusos, com meio milhão de fiéis no Líbano e na Síria, pertencem ao grupo dos Ismaelitas.

Os Zaiditas

Em vez de seguir a Ismael, este grupo acredita que Zaid, filho do 4º *Imâm*, era o legítimo 5º *Imâm*. Exigem que todo *Imâm*, escolhido entre os descendentes de Ali, deve ser capaz de lutar pelo seu cargo, conservando-o intacto, além de possuir conhecimentos teológicos. Esse grupo conta com aproximadamente 5 milhões de adeptos, metade da população do Iêmen. Em questões de fé e de direito, estão próximos dos *sunitas*.

A Shia extremista

São designados com esse nome os grupos que acreditam que Deus esteja presente na pessoa de Ali e nos *Imâm* seguintes. A este grupo pertencem os *Nusairos* ou *Alawitas*, um milhão dos quais vive no noroeste da Síria. Não devem ser confundidos com os *Alevitas* da Turquia, apesar de certos traços que eles têm em comum. Suas cerimônias religiosas, porém, e alguns elementos não-ortodoxos os distinguem.

Não podemos continuar enumerando ainda outras correntes teológicas e os numerosos movimentos de reforma dentre da *sunna* e da *shia*. Além de diferenças motivadas por opiniões políticas divergentes, discutiam-se novas sentenças em questões jurídicas (= *idjtihad*) formuladas a partir do século IX e por isso inadmissíveis na *shia* e na *sunna*. Convém insistir, porém, que em questões de fé e de direito jurídico, há muitas coisas em comum entre *shia* e *sunna*.



Fundamentalismo - Ameaça à Fé e ao respeito do "outro"

7.

Ver

7.1.

Durante uma academia de verão, organizada a convite do Papa, no ano de 1989, em Castel Gandolfo sobre o tema: "Europa e a Sociedade civil", Ralf Dahrendorf chamou o fundamentalismo de "maior perigo para a sociedade moderna".

Hoje, o conceito "fundamentalismo" está encontrando ampla aplicação. Surgiu pela primeira vez na revista "The Fundamentals", publicada nos EUA entre 1910 e 1915. O obje-



tivo desta revista era difundir as convicções religiosas de um certo movimento conservador e protestante cujas raízes mergulham ainda no século XVIII.

Seus grupos, agindo independentemente uns dos outros, se uniram em 1919 para formar "The World's Christian Fundamentals Association". Esses primeiros fundamentalistas lutaram contra o Modernismo e a decadência moral. Suas convicções principais eram as seguintes:

- *** Infalibilidade da Bíblia, interpretada ao pé da letra.
- *** Irrelevância da ciência moderna, em tudo onde não concordar com a Bíblia, como por exemplo, na doutrina da evolução.
- *** Convicção de que somente seus adeptos são verdadeiros cristãos e os únicos a serem salvos.
- *** Rejeição do secularismo.
- *** Oposição à Igreja tradicional.

Atualmente, os fundamentalistas evangélicos, formando vários grupos, são muito numerosos nos EUA. Muitos dos seus tele-evangelistas utilizam os meios modernos de comunicação para espalhar o seu ardor missionário. Movimentos de renovação fundamentalista e política propagam programas em prol da proteção da família, da luta contra o feminismo e da igualdade da mulher, da punição penal de homossexuais, da proibição de pornografia e ainda muitas outras causas.

Paralelamente, desde os anos sessenta, um movimento chamado "Fundamentalismo islâmico" ganhou influência em países islâmicos. Seus seguidores preferem chamar-se a si mesmos de "Islamistas". Com freqüência, esse movimento é identificado no Ocidente com a prática religiosa e política que reina na República Islâmica, fundada pelo *ajatollah* Khomeini durante a revolução islâmica de 1979, após a eliminação do regime do último *shah* da Pérsia.

O elemento básico deste movimento é a exigência de uma volta rigorosa ao Islã original, assim como existia no tempo do profeta e de seus primeiros companheiros. Portanto, esse movimento não representa a totalidade do Islã atual, encontrando-se em oposição a correntes conservadoras e religiosas, porque não aceita as tradições que surgiram e se firmaram através dos séculos, antes, rejeitando-as como desvios do Islã verdadeiro. Em suma, acredita que a re-introdução da "sharia", baseada na interpretação literal do *Corão* e da *hadith*, seja a medida determinante para construir uma sociedade islâmica ideal.

Não há dúvida de que este movimento surgiu em parte como uma atitude de rejeição contra os países industrializados ocidentais, dominantes a nível político, econômico e cultural desde o tempo colonial. Também se baseia numa avaliação sem ilusões das tentativas capitalistas e socialistas que procuram solucionar problemas sociais encontrados na maioria dos países islâmicos.

A transformação cultural e social, assim como problemas sociais desencadeados pela influência ocidental, como por exemplo o desemprego ou a crescente ruptura entre ricos e pobres, levaram muitos países a uma crise de identidade. Portanto, procuram-se agora

respostas a estes problemas pela recordação e o retorno consciente aos “fundamentos”. Entretanto, os movimentos fundamentalistas em países islâmicos não são unificados. Somente alguns aderem à militância virulenta ou estão prontos para cometer e justificar atos de violência.

Desde os anos oitenta, a expressão “fundamentalista” é usada cada vez com mais frequência, tomando-se, de fato, uma palavra da moda. Por isso, é necessário esclarecer o sentido original do conceito. Especifica um comportamento que se refere a um “fundamento”, a saber: a um livro sagrado, uma lei, um dogma, uma doutrina...

É característico desta corrente ideológica apresentar interpretações muito restritas do Livro sagrado, das leis, dos dogmas etc. Em outras palavras, trata-se de uma interpretação reconhecida como a única verdadeira e válida, imposta de maneira fanática e intolerante a todo mundo. Recentemente, o fundamentalismo costuma ser identificado por muitos com a prática religiosa-política, instaurada pelos *ajatollahs* no Irã.

Como fenômeno, porém, o fundamentalismo já ultrapassou, há muito tempo, as fronteiras do Irã e os limites da religião islâmica. Atualmente, se reconhecem correntes fundamentalistas em todas as religiões, tanto no cristianismo católico, protestante ou ortodoxo, como no judaísmo e até em partidos políticos, assim como no âmbito de teorias econômicas.

Entretanto, para a compreensão atual do fundamentalismo - e para a presente Lição do CCCMF, - continua decisivo o modelo estabelecido pelo *ajatollah* Khomeini, a partir de 1979, líder do Irã shiita, quando a Revolução Islâmica destronou o regime do *Shah* da Pérsia.

Ele se identifica com a convicção de que somente o *Corão*, na sua forma mais primitiva, representa a verdade. O *Corão* também garante a unidade entre política e religião. Em consequência, leis religiosas e prescrições da constituição política têm que regular de maneira decisiva toda a vida pública.

Julgar

7.2.

No âmbito religioso, o fundamentalismo chega a ser uma caricatura da fonte vital de uma fé autêntica. Já Francisco reconheceu este perigo e aludiu a ele nas suas admoestações: *“São mortos pela letra os que tão-somente querem saber as palavras, a fim de parecerem mais sábios que os outros... São ainda mortos pela letra aqueles religiosos que não querem seguir o espírito das Sagradas Escrituras, mas só se esforçam por saber as palavras e interpretá-las aos outros”* (Adm 7,2-3).

Nem no Cristianismo, nem no Islã, o fundamentalismo tem algo a ver com o verdadeiro “fundamento” sobre o qual repousa a verdadeira fé. Pelo fundamentalista, Deus é tratado como um objeto, do qual a gente dispõe, para utilizá-lo para os próprios interesses de poder.



É inegável, porém, que o retorno aos fundamentos corresponde a um profundo desejo de todo ser humano. O solo onde cresce é formado pela insegurança social, pela falta de orientação segura, e pela falta de sentido de vida. A ameaça à dignidade e à vida dos outros, falta de paz, intolerância, discriminação, ódio, homicídio e dependência de drogas são respostas superficiais e insuficientes para a ânsia da pessoa humana e o fenômeno do fundamentalismo.

Portanto, devemos aprender a reconhecer as causas do fundamentalismo, para podermos enfrentá-las. Trata-se de transformar as condições que o causaram, para reencontrar as autênticas fontes da vida.

Tanto na história do Islã como na história do Cristianismo, sempre houve períodos de tolerância e de respeito para com pessoas e povos de outras convicções religiosas. Testemunhas disso são os documentos e acontecimentos, como por exemplo, a Declaração do Vaticano II sobre a Liberdade Religiosa e sobre as Religiões não-Cristãs, a "oração da paz" de Assis, o convite do Papa para falar à juventude de Marrocos, o pedido dirigido ao Vaticano por uma universidade da Turquia que pediu um documento sobre a religião cristã...

Ambas as grandes religiões, porém, devem admitir que também houve ocasião quando - em nome da fé cristã ou islâmica, respectivamente, - estimularam seus fiéis a cometer atos de intolerância ou a entrar na guerra. Isto continua acontecendo ainda hoje. Basta recordar alguns exemplos como, no norte da Irlanda, a hostilidade entre católicos e protestantes, ou na Argélia onde se matam indiscriminadamente, tanto muçulmanos como cristãos, inclusive religiosos e bispos.

Agir

7.3.

O fundamentalismo militante pode chegar a ser uma ameaça à dignidade e à vida de todo mundo, causando falta de paz, intolerância, discriminação, justificando ódio e homicídios. Nestas circunstâncias, qual é, então, a atitude que se deve tomar? Seguem algumas recomendações:

- *** Procurar uma base para um diálogo a nível interpessoal;
- *** Em comum, procurar identificar as causas sociais do fundamentalismo, como por exemplo, injustiça, pobreza, miséria etc.
- *** Denunciar de modo inequívoco o fundamentalismo militante e suas conseqüências injustas, por exemplo, a violação dos direitos humanos, a limitação da liberdade religiosa etc. Importa também ajudar as vítimas de tais crimes.
- *** Devemos recordar em comum o encontro de Francisco com o sultão al-Malik al-Kamil; o tratado de paz entre este sultão e o Imperador Frederico II durante as cruzadas; a proteção concedida a judeus; ou a tolerância estendida a cristãos durante suas práticas de religião no tempo do Império Osmânico.

*** Também vale recordar fatos mais recentes quando - de um lado, - judeus perseguidos pelo regime nazista foram acolhidos em conventos católicos; mas que - de outro lado, - houve *pogromos* contra judeus, apoiados por franciscanos. Também vale lembrar como, através dos séculos, houve várias tentativas sinceras para promover o respeito e o diálogo pacíficos entre cristãos e muçulmanos, apesar dos numerosos mártires e vítimas. Mas também se chegou a insultos, difamações e apelos para participar ou nas cruzadas ou na “guerra santa”.

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	1Pd 3,15
Documentos da Igreja	NA 3
Fontes	ExLouv 1-4; 2CtFi 6 1ss; CtCler 12; 1CtCust 5,8; CtGov 1,7; CtOrd 4.6,9; Adm 7,2ss.; RegNB 16; 23,1.9; RegB 12,1; Test 12; 1Cel 57; 2Cel 30; LM IX,8; Fior 24; Hist. Occid. 32
Documentos interfranciscanos -	
OFM - OFMCap - OFMConv	GGCC 95,3
OSC (Clarissas)	-
OSF (TOR)	-
OFS	Mattli 82
Suplementos *	-

* **Anotação:** As fontes podem ser completadas pelos participantes do curso.





“A briga pela barba do profeta”

(Uma representação com vários personagens. De modo espontâneo e livre, o comentarista começa contando a seguinte história.)

Como todos os dias, os homens estavam sentados de tardinha em frente ao café, bebendo seu “raki”, fumando cigarros baratos e fortes, e conversando de maneira descontraída.

Sem intenção premeditada, um dos presentes chega a mencionar a ponte. Uma torrente a tinha destruído e levado há muitos anos atrás. Era previsto que uma nova ponte teria que substituí-la para voltar a ligar os dois bairros da aldeia. Na maior parte do ano, era possível passar-se da ponte, porque normalmente era fácil atravessar o riacho a pé. Depois de uma tempestade, porém, ou após dias de uma chuva que não quer parar, quando o céu abre todas as comportas, e também na primavera durante o tempo do degelo, não era possível atravessar. Neste caso, as crianças que viviam na outra margem não podiam chegar à escola, coisa que elas consideravam um presente do céu. Mas também não se conseguia contatar pessoas importantes, como o padeiro, o ferreiro, a parteira ou o pároco.

Em suma, todos os habitantes da aldeia concordavam: Era preciso ter uma nova ponte, uma vez que a antiga foi levada pelas águas. A questão, porém, era saber qual seria o melhor lugar onde a nova ponte devia cruzar o riacho. E isto era motivo para muitas discussões. De fato, o riacho estava dividindo a aldeia em duas partes quase iguais. Do lado de lá estavam a mesquita, as terras dos donos mais ricos, o padeiro, o ferreiro, a parteira e sobretudo o café. Do outro lado, se encontram a igreja e a escola, assim como o cemitério da comunidade, onde tanto os muçulmanos como os cristãos estão enterrados, esperando entrar no paraíso ou no céu.

Havia certos indícios para a futura localização da ponte, como por exemplo, a largura do riacho, a firmeza das duas margens e a profundidade do leito, garantias contra eventuais inundações. Cada vez, porém, que se parecia chegar a um acordo, a solução prevista favorecia alguém ou entre os muçulmanos, ou entre os cristãos. Por isso, a briga já era de longa data.

Talvez foi o raki, ou o calor sufocante de um dia de verão, que tornou as pessoas agressivas. Em todo caso, quando os vários argumentos a respeito da melhor localização da futura ponte tinham sido considerados e depois rejeitados, um dos presentes dizia, contrariado:

"Isto é típico de vocês 'maomedanos'. Gostariam de ter uma nova ponte, mas não sabem admitir argumentos objetivos!" Chamar os muçulmanos de 'maomedanos' era uma ofensa que os magoava profundamente. Aquele que se sentiu ofendido não estava disposto a aceitar isto de um 'infiel', como xingou por sua vez. De repente, todo mundo começou a gritar. E, como acontecia tantas vezes, formaram-se logo dois partidos e dois campos hostis: muçulmanos e cristãos.

Felizmente, obedecendo a um antigo costume diário, o *imã* e o pároco também estavam a caminho do café. Eram dois sábios que tinham estudado a fundo a história tanto do seu país como de sua respectiva religião. O *imã* simpatizava com a fé dos *sufis*, e o pároco era franciscano, como a maioria dos sacerdotes católicos da região. E ambos pensavam baixinho: *"Estão brigando novamente pela barba do profeta!"*

Os dois se aproximaram dos beligerantes, se entreolhavam e disseram quase simultaneamente: *"Vocês não têm vergonha de se comportar como alunos ignorantes na escola?"* O *imã* acrescentou: *"Em nome de Alá, o misericordioso, quando estão em desacordo com seguidores do Livro (= judeus ou cristãos), comportem-se de modo decoroso, dizendo: 'Alá, o nosso Deus e o vosso Deus, é um só; e todos nós lhe estamos submissos!'"* (29ª sura, versículo 47)

O filho de São Francisco não queria ficar para trás. Ao procurar um trecho adequado no Livro Sagrado dos cristãos, lembrou-se do texto de S. Mateus: *"Pois eu vos digo: quem se encolerizar contra seu irmão, será réu de julgamento!"* (Mt 5,22)

Essas palavras não deixaram de ter seu efeito. Os homens ficaram realmente com vergonha, lembrando-se daquilo que já tinham ouvido muitas vezes da boca dos dois reverendos, a saber, que a briga não agrada nem a Alá nem a Deus, como os cristãos o chamam. Pois é estúpido querer defender a honra do Todo-poderoso, insultando, espancando ou até matando suas criaturas. Pois este tipo de horrores aconteceu antigamente na aldeia, porque os velhos ainda aludem a tais acontecimentos nos seus relatos.

"O melhor seria lançarmos a sorte para decidir o melhor lugar para a ponte. Com a ajuda de Alá vamos construí-la," foi a proposta do *Imã*, interpretando o murmúrio geral como um consentimento. Concordando com a proposta, o franciscano acrescentou: *"Ela servirá a todos os filhos de Deus; e como uma obra feita em comum, será um memorial em honra do Onipotente."*

Instrução sobre o modo de usar a peça:

O diretor da peça prepara 7 cartazes, onde estão escritos os nomes dos vários papéis. São distribuídos e pendurados nas paredes da sala de reunião: Trata-se de (1) um muçulmano, dono do café diante do qual os homens se encontram; (2) uma parteira; (3) o *Imã*; (4) o pároco; (5) a ponte; (6) o riacho; (7) outros.



O diretor dá as seguintes instruções:

A) Cada um assume o seu papel.

- *** Procurem entrar na história. Qual é o papel que lhe é simpático, e com o qual possam se identificar?
- *** Cada um escolhe o papel que lhe condiz e coloque-se perto do respectivo cartaz. Possivelmente haverá a mesma escolha por várias pessoas. Também pode acontecer que um ou outro papel não encontrará ninguém que o assuma.
- *** Após alguns minutos, o diretor volta a perguntar se cada um está contente com o papel que escolheu, ou se gostaria de trocar de lugar.

B) Representação dos vários papéis.

- *** Cada grupo que se reuniu perto de um mesmo cartaz discute entre si: Por que escolhemos este papel? O que isto significa para nós? Deixar bastante tempo para esta reflexão.
- *** O diretor pergunta a todos: Onde vamos colocar a ponte? Cada grupo dê sua opinião, a partir do lugar onde se encontra.
- *** Ao terminar a representação, o diretor voltará a perguntar aos grupos: Como se sentiu? Como sentiu o comportamento dos outros? Teria reagido diferente no papel deles?

C) Reflexão final:

- *** Após alguns minutos, o diretor manda todo mundo voltar aos seus lugares originais na sala e pergunta: Como foi a sua experiência? Quais foram as novas luzes que ganharam? Será que já vivenciaram algo semelhante? Como se comportariam, se isto lhes acontecesse na vida real?



Faz parte da obrigação religiosa do muçulmano a oração cotidiana (= *sâlat*)

Cinco vezes por dia, o muçulmano recita orações prescritas numa atitude determinada: de manhã, ao meio-dia, à tarde, ao crepúsculo, antes de dormir. Também as lavagens prescritas seguem um ritual determinado. A oração começa com o canto de louvor (= *thanã*):

"Ó Deus; em vossa honra e vosso louvor; bendito é vosso nome, e não há Deus além de vós."
 Em seguida se diz a 1ª sura do Corão, prescrita para todas as orações (= fâtiha):
"Em nome de Deus, o mui misericordioso, o sumamente misericordioso! Louvor a Deus, o Senhor dos mundos, o mui misericordioso, o sumamente misericordioso, o Senhor do dia do juízo. Sois vós a quem adoramos, sois vós a quem imploramos. Conduzi-nos pelo caminho certo, o caminho daqueles aos quais sois propício, e não pelo caminho daqueles que atraíram a vossa ira, e não no caminho daqueles que andam errantes. Amém".
 Segue a leitura de um artigo do Corão. Depois, inclinam-se, deitando a palma das mãos sobre os joelhos, sem juntá-las. Nesta posição repetem três vezes as palavras: *"Glória a Deus, o máximo!"*
 Em seguida, levantando-se dizem: *"Deus ouve aquele que o louva. Senhor nosso, louvor a vós!"*
 Depois, prostram-se com os joelhos dobrados, encostam a testa, o nariz e as palmas da mão no chão, e assim rezam três vezes: *"Glória a Deus, o altíssimo!"*
 Em seguida, se sentam no calcanhar esquerdo, deixando livre o direito, de forma que os dedos do pé direito estejam voltados para fora, o calcanhar apontando para o céu. Nesta posição pede-se perdão a Deus. Faz-se, então, nova prostração, repetindo três vezes as palavras usadas na primeira prostração. O movimento completo de levantar-se, de inclinar-se e de prostrar-se descreve um círculo (= rak'at).

Tarefas:

Compare as orações e posições muçulmanas

1) com o Louvor a Deus do Alverne

"Tu és o santo Senhor, o único Deus, tu que fazes maravilhas.

Tu és o forte.

Tu és o grande.

Tu és o sublime.

Tu és o rei onipotente.

Tu, Pai santo, rei dos céus e da terra.

Tu és Trindade e és um só Senhor,

Deus de todos os deuses.

Tu és o bem, todo bem, o supremo bem,

Senhor Deus, vivo e verdadeiro.

Tu és o amor; tu és caridade... " (LouvDA)

2) Compare com as orações que nos são conhecidas na comunidade, assim como as respectivas posturas.



Perguntas:

1. Que semelhanças você encontra?
2. Que diferenças você constata?



3.

Os elementos marcantes da religião islâmica são os assim chamados “cinco pilares” ou “colunas” do Islã:

1. *Shahâda*: a confissão monoteísta. Não há divindade fora de Deus (= *Alá*), e Maomé é o enviado de Deus.
2. *Salât*: a oração cinco vezes ao dia, com o texto prescrito e observação das posturas corporais igualmente prescritas.
3. *Zakât*: uma contribuição obrigatória (= imposto ou esmola) dos abastados em favor dos pobres.
4. *Ramadân*: o mês do jejum em que se proíbe tomar qualquer alimento ou bebida, enquanto for dia claro.
5. *Hadsch*: a peregrinação a Meca no mês das peregrinações, ao menos uma vez na vida, se os meios e as circunstâncias o permitirem.

Tarefa:

1. Há obrigações semelhantes no Cristianismo?
2. Partilhe seu ponto de vista com outros.



No Primeiro Mundo, sobretudo na União Européia, cresce o problema dos casamentos mistos entre cristãos e muçulmanos.

Perguntas:

1. Pessoalmente, você conhece casos de casamentos mistos?
2. Quais são os aspectos positivos e negativos?



1. **Bernardo de Claraval** (+ 1153) colaborou decisivamente na preparação da 2ª cruzada, realizada de 1147 a 1149, com a participação do imperador alemão Conrado III e do rei da França Luís VII. Leia as palavras da seguinte homilia, onde Bernardo convoca o povo a participar na Cruzada.

“O que estais fazendo, homens corajosos? O que estais fazendo, servos da cruz? Quereis entregar o santuário aos cães e as pérolas aos porcos? Quantos pecadores lá confessaram, com lágrimas, os seus pecados e conseguiram o perdão, desde que a espada dos pais jogou fora a imundícia dos pagãos? O maligno o vê com maus olhos, range os dentes e empalidece; mexe nos arsenais de sua malícia e não permitirá que fiquem sinais ou vestígios de piedade, se ele jamais - o que Deus não permita - ficar tão forte, de conquistar aquele espaço santíssimo. Para todos os tempos futuros seria uma dor incurável e um prejuízo insubstituível. Para esta geração, porém, tão ímpia, seria uma vergonha imensa e uma censura perpétua.

Porque o vosso país é fértil em homens corajosos e forte pelo vigor de sua juventude, pois por todo mundo corre o vosso louvor, e a glória de vosso heroísmo enche toda a terra.



Sede, pois, varonis e pegai em armas felizes, zelando pelo nome de Cristo. Termine aquele costume de cavaleiros, melhor, aquele abuso de cavaleiros de antigamente, segundo o qual costumáveis lançar por terra, espezinhar e matar um ao outro. Que prazer cruel impele os desgraçados, para que transpassem, com a espada o corpo do seu próximo, lançando, talvez, a sua alma na perdição! Mas também o vencedor não escapa; também a sua alma é transpassada, quando se alegra com a matança de um inimigo. É insensatez, não coragem, entregar-se a tal injustiça; deve ser atribuída não à animosidade, mas à insanidade.

Tu, cavaleiro corajoso, tu, homem da guerra, agora tens uma luta sem perigo, onde a vitória traz glória, e a morte é lucro. Se és um comerciante previdente, um homem que quer obter vantagens neste mundo, eu te anuncio um grande comércio; toma cuidado para não perdê-lo. Aceite o sinal da cruz, e de tudo que, arrependido, confessares, alcançarás indulgência total. A mercadoria é barata; e pagando piedosamente por ela, sem dúvida vale o reino de Deus...”

2. Oração baseada numa declaração conjunta, feita pelo Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras em 1982:

“Deus todo-poderoso, eterno, justo e misericordioso!

- *** Arrependemo-nos de todas as palavras ofensivas, das acusações infundadas, dos gestos repreensíveis, dos acontecimentos tristes nos dois lados, que marcaram ou acompanharam a história comum dos muçulmanos e cristãos.*
- *** Arrependemo-nos e queremos riscar da nossa memória os sinais e manifestações de cólera e de acusação que se seguiram a tais acontecimentos.*
- *** Estamos conscientes de que um gesto assim de reparação e de perdão não é suficiente para eliminar tanto as antigas como as novas divergências entre fiéis muçulmanos e cristãos.*
- *** Deus onipotente, queremos empenhar-nos para que estes mal-entendidos sejam superados pela purificação do nosso coração, pela nossa contrição sobre a injustiça cometida, pela nossa resolução decidida de buscar uma compreensão mútua e pelo respeito diante da fé do outro, suas tradições e seus mandamentos.*
- *** Ó Deus altíssimo, todo-poderoso e único, esperamos que esta oração, apesar de sua insuficiência, vos seja agradável a vós, sempre disposto a perdoar, quando também nós perdoamos.*
- *** Rezamos por todos os homens que procuram viver com fidelidade a verdade que nos confiastes nos Livros Sagrados, a fim de que o nosso diálogo islâmico-cristão ganhe em profundidade e mútuo conhecimento e se transforme numa convivência fraterna na vida cotidiana.”*

Tarefas:

1. Compare esta oração e a pregação da Cruzada de São Bernardo. Veja a mudança de mentalidade.
2. Acrescente ainda outras intenções a esta oração, capazes de fomentar o diálogo entre muçulmanos e cristãos.



3.

Seguem alguns textos de místicos muçulmanos (= *sufis*), como exemplos de sua espiritualidade.

Yahya ibn Muadh (+ 871), da Pérsia:

“Ó Deus, vós gostais que eu vos ame, embora não precisais de mim. Como não gostaria eu que vós me amásseis, quando eu tanto preciso de vós?”

Abu Yazid (Bayazid) Bistami (874), do norte da Pérsia:

“Chamei a minha alma para Deus, mas ela me negou a obediência, opondo dificuldades. Então a deixei aí e continuei o caminho para Deus.”

Perguntaram ao *sufi*: *“Quando é que o homem chega a Deus?”* Ele respondeu: *“Coitado, e ele pode chegar a Deus?”*

Abu Abdallah ibn Chafif (+ 982), de Shiras:

“Ao ouvir o grito: ‘Vamos à oração!’ e se não me encontrardes na primeira fila da mesquita, então procurai-me no cemitério.”

Abul Hasan Charaqani (+ 1033), do Irã:

“Ó Deus, vós me criastes por causa de vós; a mãe me deu à luz por causa de vós. Então não me deixeis ficar preso a criatura alguma.”

“Ó Deus, um grupo de homens, no último dia, vai ressurgir como mártires, porque foram mortos por vossa causa. Também eu ressuscitarei como um mártir, pois fui morto pela espada da saudade de vós.”

Abul Quadat Hamadani (+ 1131), encarcerado em Bagdá por heresia:

“Ó Deus, fazei-me ressuscitar cego, pois vós, para mim, sois grande e majestoso demais, para que os meus olhos vos possam contemplar.”



Pir Sultan Abdal (+ 1560, da Turquia:

*"Tornei-me riachos que desapareceram no grande rio;
tornei-me rosas, que floresceram fora do tempo;
tornei-me cinza, em que já não havia faíscas,
queimado, ó amigo, queimado por vosso amor!"*

Dara Shikoh (+ 1659), filho do grão-mogul Shah Dshahan, executado pelo seu irmão por heresia:

*"Quanto mais leve a bagagem do caminheiro,
tanto mais se fica livre de cuidados no caminho.
Caminheiro neste mundo também és tu,
reconheça-o e, sério, calça o sapato.
Quanto mais posses, tanto mais pesadas as preocupações,
o turbante, cheio de dobras, te aperta mais.
Expulsa da cabeça o teu egoísmo;
ele é carga pesada, igual a idéias erradas.
Ser livre neste mundo durante toda a vida,
ouve este conselho, dado por Quadiri."*

Pir-o-Murshid Hazrat Inayat Khan (+ 1927), discípulo e sucessor dos *sufis* e místicos *chishti* da Índia:

"Atrás de tudo está um espírito e uma vida. Como podemos ficar felizes, se o nosso vizinho está de luto?"



Pergunta:

Vocês ficaram impressionados com estes textos?
Partilhem as suas impressões.

Em Português:

AA.VV.,

Instrumentos de Justiça e Paz, (Petrópolis 2000)

Em alemão e outras línguas:

Althaus, H.

Christentum, Islam und Hinduismus vor den grossen Weltproblemen (Altenberge 1988)

Andreas & Andreas

2000 Jahre Christentum. Kirche und Staat (Salzburgo 1983), 297ss

Basetti-Sani, G.

- L'Islam e Francesco d'Assisi. La missione profetica per il dialogo (Florença 1975)
- The Koran in the Light of Christ (Chicago 1977)

De Beer, F.

- François, que disait-il de toi? (Paris 1977)
- Franziskus und der Islam: Concilium 17 (1981), 696-705

Bormanns, M.

Wege zum christlich-islamischen Dialog (Frankfurt 1985)

Brunner-Traut, E. (edit.)

Die fünf grossen Weltreligionen: Hinduismus, Buddhismus, Islam, Judentum, Christentum (Friburgo 6, 1978)

Bsteh, A. (edit.)

Der Gott des Christentums und des Islam (Möding/Viena 1978)

Busse, H.

Die theologischen Beziehungen des Islam zum Judentum und Christentum (Darmstadt 1988)

Clarke, P.B.

Atlas der Weltreligionen (Gütersloh 1993)

Conselho Mundial das Igrejas

Christen begegnen Muslimen. Veröffentlichung des Weltkirchenrates anlässlich des 10-jährigen Dialogs zwischen Christen und Muslimen (Genebra 1977)

Conselho Pontifício para o Diálogo interreligioso

Kongregation für die Evangelisierung der Völker. Dialog und Verkündigung. Überlegungen und Orientierungen zum interreligiösen Dialog und zur Verkündigung des Evangeliums Christi. Secretariado da Conferência dos Bispos da Alemanha (edit.) (Bonn 1991)



Cracknell, K.

Mission und Dialog. Für eine neue Beziehung zu Menschen anderen Glaubens (Frankfurt 1990)

Cragg, K.

- Alive to God (Oxford 1970)
- The House of Islam (Encino CA 1975)
- Islam from Within: Anthology of a Religion (Belmont CA 1980)
- Muhammed and the Christian (London/Maryknoll 1984)
- The Call of the Minaret (Maryknoll 1985)
- Jesus and the Muslim: an Exploration (Boston 1985)

Ende/Steinbach

Der Islam in der Gegenwart (Munich 1989)

Esposito, J.

Voices of Resurgent Islam (New York 1983)

Falaqui, A.

Theologie des Islam: Theologia Mundi, Ökumenische Arbeitstagung, Missio (Munich 1981) 81-92

Fassnacht, D.

Islam (Frankfurt 2, 1978)

Fitzgerald, M./Khoury, A.Th./Wanzura, W.

Renaissance des Islam. Weg zur Begegnung oder zur Konfrontation? (Graz 1980)

Halm, H.

Die Schia (Darmstadt 1988)

Hoberichts, J.

Francis and Islam (Quincy, Illinois 1997)

Islamisches Zentrum (edit.)

Der Islam: Geschichte, Religion, Kultur (Genebra 1973)

Kabbani, R.

Offener Brief an die Christenheit (Düsseldorf 1991)

Khoury, A.Th.

- Toleranz im Islam (Mogúncia 1980)
- Begegnung mit dem Islam. Eine Einführung (Friburgo 1980)
- Einführung in die Grundlagen des Islam (Graz 2, 1981)
- Der Islam (Friburgo 1988)

Kirste, R./Schwarzenau, P./Tworuschka, U.

Gemeinsam vor Gott; Religionen im Gespräch (Hamburg 1990)

Küng, H./Ess, J.van

Christentum und Weltreligionen: Islam (Munich 1990)

Lanczkowski, G.

Weltreligionen: Börsenblatt 73 (1982) 1984 ss.

Lehmann, L.

- Der Brief des hl. Franziskus an die Lenker der Völker. Aufbau und missionarische Anliegen: Laurentianum 25 (1984) 287-324
- Prinzipien franziskanischer Mission nach den frühen Quellen: Laurentianum 26 (1985) 3º caderno

Manselli, R.

Franziskus, der solidarische Bruder (Zurique 1984) 222-230

Mascarenhas, L.

Dialog ohne Netz. Dem Muslimen als Bruder begegnen; em A.Camps/ G.Hunold (edit.)
Erschaffe mir ein neues Volk (Dettingen 1982) 140-152

Matanic, A.

Del viaggio di S.Francesco in oriente: Studi e ricerche Francescane (Napoli 5, 1876),
245-258

Meyer, H.

Mein Partner ist Muslim. Bericht über eine Tagung in Münster; em: Erwachsenenbildung
31 (1985) 32ss

Missionszentrale der Franziskaner (edit.)

Da série: Berichte - Dokumente - Kommentare

- Caderno 20: Mit anderen Augen sehen (Bonn 1983)
- Caderno 21: Das Leben teilen (Bonn 1984)

Nagel, T.

Der Koran (Munique 1983)

Paret, R.

- Mohammed und der Koran (Stuttgart 5, 1980)
- Der Koran. Apostila. (Stuttgart 2, 1980)

Randolph, D.E.

The Desire for Martyrdom. Leitmotiv of St. Bonaventure: Franciscan Studies 32 (1972) 74-87

Risse, G.

“Gott ist Christus, der Sohn der Maria”. Eine Studie zum Christusbild im Koran (Bonn 1989)

Roncaglia, W.

- St. Francis of Assisi and the Middle East. Franciscan Center of Oriental Studies (Cairo 1957)
- Fonte Arabho-musulmano su S. Francesco in Oriente; em: Studi Francescani 55 (1958) 258ss.

Schedl, C.

Muhammad und Jesus. Die christologisch relevanten Texte des Korans (Friburgo 1978)

Schimmel, A. (tradutor)

Gärten der Erkenntnis, Texte aus der islamischen Mystik (Düsseldorf 1982)

Secretariado da Conferência dos Bispos da Alemanha (edit.)

Muslimen in Deutschland. Arbeitshilfen 26 (Bonn 1982)



Secretariado Pontifício para os Não-Cristãos

Die Haltung der Kirche gegenüber den Anhängern anderer Religionen. Gedanken und Weisungen über Dialog und Mission, n° 17 (Roma 1984)

Stieglecker, H.

Die Glaubenslehren des Islam (Paderborn 1962)

Teissier, H.

Eglise en Islam. Méditation sur l'existence chrétienne en Algérie (Paris 1984)

Tudtud, B.S.

Dialogue of Life and Faith (Quezon City 1988)

Tworuschka, M.

Islam (Göttingen 1982)

Watt, W.M./Welch, A.T.

Der Islam I. Die Religionen der Menschheit 25/1 (Stuttgart 1980)

Weisse Väter

- Wer hinterm Elefanten herläuft. Porträt einer Missionsgesellschaft (Paderborn)
- Weisse Väter schreiben aus Afrika: IFI - Informationen für Informanten 55 (2/1983)
- A revista "Erwachsenenbildung" 31 (1985) 3-35 contém as seguintes contribuições: Muslime in Deutschland (3-6); Dialog zwischen Christen und Muslimen (7-10); Wie lebt ein Muslim in Deutschland? (11-13); Die Welt des Islam (14-16); Türkische Autoren der zweiten Generation (17-20) und Dokumentation zum Religionsunterricht

Wielandt, R.

"Fundamentalismus": Lexikon der islamischen Welt (Köln 1992)

Zirker, H.

Christentum und Islam. Theologische Verwandtschaft und Konkurrenz (Düsseldorf 1992)

Frontispício:

São Francisco. Origem desconhecida

Frontispício interior:

Ardente no espírito. Mandala de Lucy D'Souza-Krone, Índia

p.04: Clara de Assis. Ilustração de Marianne Bors

p.05: A propagação mundial dos muçulmanos; de: Atlas der Weltreligionen

p.08: De: Franziskaner Mission, 2/96, Foto: Stark/present – O Arcebispo Dom John O. Onaiyekan de Abuja/Nigéria em colóquio com líderes muçulmanos

p.09: Francisco diante do sultão do Egito. Origem desconhecida

p.10: São Francisco anuncia o Evangelho aos muçulmanos. Basilica di S. Croce, Capela Bardi. Desconhecido, meados do século XIII

p.12: Oração de um menino no Paquistão. De: Kontinente, 1/95

p.14: De: Franziskaner Mission, 2/91. Foto: FM-Arquivo

p.16: De: Franziskaner Mission, 1/95. Foto: Kom. Terra Santa

p.18: Jerusalem, cidade multicultural. De: Franziskaner Mission, 1/95. Foto: FM-Arquivo

p.21: De: Franziskaner Mission, 2/96. Foto: Stockmann-Bondroit

p.22: De: ITE, 94/5. Foto: Liedtke/present

p.23: Maomé. Gravura do século XVIII

p.24: Páginas artísticas de uma cópia do Corão do século XVIII, em letra de Maghreb. De: Atlas der Weltreligionen

p.26: A separação do Islã primitivo. De: Atlas der Weltreligionen

p.28: Juristas islâmicos dando aulas no Tshad. De: Kontinente, 6/94



Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEp 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 2242-5247 e 2242-1300

FAX (0xx24) 2242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano
16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia

Próximas lições a serem publicadas

19. Francisco de Assis e a opção pelos pobres
20. Teologia da Libertação na visão franciscana
- 21a. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte I: O Capitalismo
- 21 b. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte II: O Marxismo
22. "Como homem e mulher Ele os criou" – Um desafio franciscano
23. Empenho franciscano pela Paz
24. Nossa relação com a Ciência e a Técnica
25. A Missão permanente dos franciscanos na Igreja